

Reflexos

ISSN : 2260-5959

Éditeur : Université Toulouse - Jean Jaurès

2 | 2016

Le parcours, dans les arts et littératures lusophones

Malangatana O homem que recusou odiar ou O longo caminho do olhar

João Esteves Pinto

 <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/734>

Référence électronique

João Esteves Pinto, « Malangatana O homem que recusou odiar ou O longo caminho do olhar », *Reflexos* [En ligne], 2 | 2016, mis en ligne le 18 mai 2022, consulté le 16 avril 2023. URL : <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/734>

Droits d'auteur

CC BY

Malangatana O homem que recusou odiar ou O longo caminho do olhar

João Esteves Pinto

PLAN

Primeira Parte

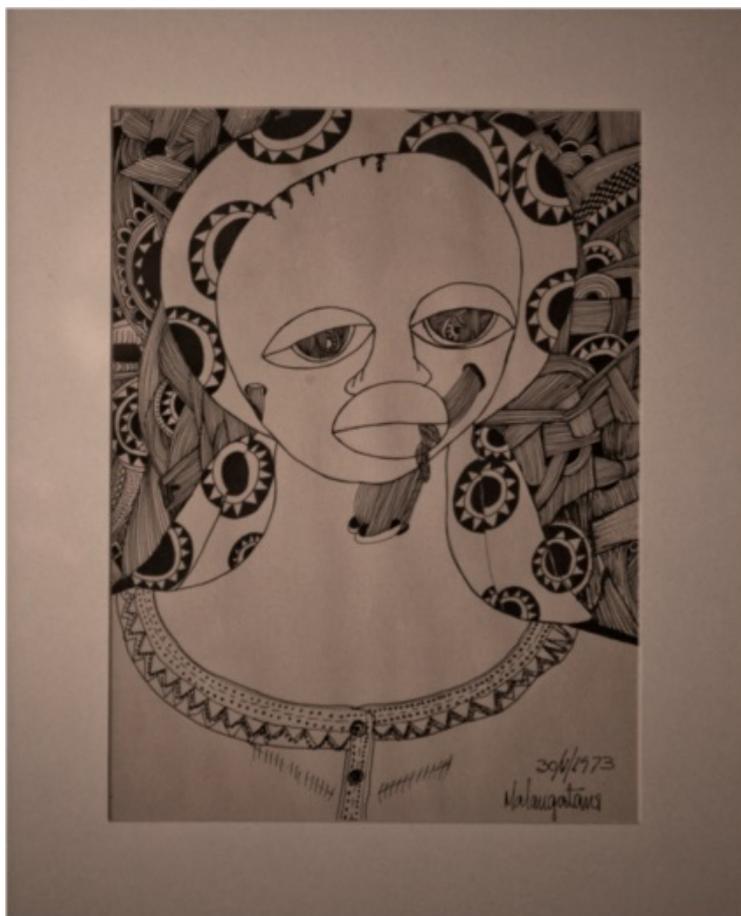
Segunda Parte

Terceira Parte

Glossário

TEXTE

Sobre o João Esteves Pinto ¹



Primeira Parte

- 1 Malangatana, Aué!
- 2 Sobre a areia mais fina do que o pó, mais vermelha do que o sangue.
- 3 Os passos do alferes caminhavam para o caniço nas noites disponíveis de sábado, mascavavam persistentes para lá do último *machim-bombo*, bem depois da Av. 24 de Julho, do Alto Maé, já bem dentro do Xipamanine.
- 4 Areia fina, cansativa, exigente.
- 5 – O Malanga está?
- 6 Abria a Gelita. – Entra.
- 7 O Mário dorme no abandono da esteira.
- 8 – Malangatana, aué!
- 9 Soba soberano da noite; os pincéis, os óleos, todas as cores revelavam imagens, gestos, composições, interrogavam um mundo como interroga o mar um marinheiro que navega nas primeiras aventuras entre a admiração e as perguntas que se movem no seu íntimo.
- 10 – *Lichigani*, Jacaré!
- 11 – *Lichigani*, *Mulungo*!
- 12 As borboletas dançavam mágicas contra as lâmpadas, exorbitavam de emoções no seu fulgor.
- 13 – Onde está o Oblino?
- 14 Incendiavam-se sobre a tela olhos fixos de leopardos, os dentes, as garras, os gumes, mãos, lábios, ventres, nas emoções de um alfabeto inventivo
- 15 A Percina dança!
- 16 A areia rubra, depois do *cacimbo*, há-de ficar mais viscosa e plástica do que o óleo de Holanda.
- 17 O Chissano lutou toda a noite com a madeira, as camarinhas escorreram-lhe sobre os olhos fixos e tensos até que daquele tronco informe se soltou um *chicova* que voou para espantar os maus pres-

- sábios da noite, e assim ficou com as pupilas desorbitadas, as asas abertas, grandes, assim ficou, como eu o vi, definitivo, já na madrugada.
- 18 A Percina dança e canta!
- 19 – Quem não gosta da Percina? Quem?
- 20 O Paulo Come foi buscar a distância absoluta lá para Benfica, na Estrada de Moçambique, que aponta ao Norte pelo caminho de Marracuene e de Vila Luísa.
- 21 – Eh! Paulo! A palavra suave, a longa sabedoria de um *cocuana*, a palavra com que se urde a amizade que fica para lá dos tempos, a lâmina mais exigente e dúctil que algum dia esculpiu em Moçambique! Paulo Come, da tribo dos Mariqueles – aqueles que andam, que vão pelo caminho –, disse-mo como quem diz porque é que tinha ido morar para tão longe, empurrado pelos outros, pelos das tribos dominantes; disse-mo como quem liberta da madeira as aparas que estão a mais e que são inconvenientes à perfeição. – (E ele sabia o que era a perfeição, caramba!) Olha esta estátua que obriga à contemplação sem tempo e sem reparo!
- 22 Mercado do Xipamanine! O Manqew sentou-se diante da feiticeira para, também ele, pintar!
- 23 A Percina dança, canta, assobia. – Aué! Éh! Éh! Éh! Éh!
- 24 O Manqew sentou-se agora, ali onde mora, junto do mercado, onde se vendem *capulanas*, frutas, legumes, carvão, peles de animais, ossos com que se faz feitiço, lugar onde há sempre gente que se move em todas as hipóteses de um destino.
- 25 Veio o tempo das chuvas e das torrentes. O Manqew começou a pintar a feiticeira.
- 26 Veio o tempo das chuvas e das torrentes; já não há areia; só há *matope* rubro e viscoso, por onde tudo se agarra, escorrega e ensopa.
- 27 Vou para lá da 24 de Julho, do Alto Maé, do Xipamanine.
- 28 – Gelita, o Malanga está?
- 29 O Manguiza já anda, come papaia.

- 30 As mãos, os ventres, os corpos, os olhos fitam-nos e interpelam-nos sobre a tela, impõem-se para lá do silêncio e do chá que tomamos juntos.
- 31 Onde vamos buscar palavras?
- 32 Lindo Lhongo chamou o Norberto Barroca e disse: – Isto é teatro! – Está bem, vamos então ensaiar teatro. Foi no Avenida; congregou todos no *Lobolo* e até tu, Malangatana, arredaste os pincéis e foste dançar no palco quando os tambores do batuque celebraram a festa, narraram emoções e, no súbito imprevisto, carpiram o drama; e depois, quando tudo parou, o coro dos homens ressoou em vozes densas de baixos, exigindo o silêncio; o coro advertiu a plateia, sagrou-se num som solene que revelou a verdade daquele alfabeto que foi por todos entendido porque se abriu no lugar certo para aquelas vozes e para aqueles ouvidos na plena verdade do instante.
- 33 – E quem não ouviu então as vozes feridas das mulheres nos seus gritos?.
- 34 A Percina, Éh! Éh Éh! A Percina grande, gorda, *mamana* do som e do ritmo, dilui a *capulana* no delírio da dança e das palmas, esvaziou as palhotas, já não há ninguém que não participe, até as crianças andam por ali no som ritmado da noite.
- 35 – Moçambique!!
- 36 A Maria e o Pedro nasceram por esse tempo.
- 37 – Lindo Lhongo, depois vieram as “Trinta mulheres do Muzeleni”; que outras peças vieram a seguir?
- 38 Malanga, agora são os azuis e a cor quente do caju, a fome e o amor, súpula essencial da humanidade.
- 39 A caligrafia das cores expande-se sem restrições, impõe sobre a tela o seu som, a cor, a forma, o ritmo, o mistério, a alegria e a dor.
- 40 – Eh!? Vai embora?! Vai embora?!...
- 41 Perguntou três vezes o Oblino antes de me largar a mão com o espanto das coisas impossíveis.
- 42 – Sim, vou. Venho despedir-me.
- 43 – E quando volta? Quando?

- 44 – Não sei dizer. Creio que nunca mais vou voltar.
- 45 – Não pode!
- 46 – Não pode mesmo!
- 47 – Não sei dizer palavras, Oblino.
- 48 – Eh! Malanga!
- 49 Olho os teus quadros: estão na minha parede. Os meus filhos sabem de um mundo fantástico de que eles são o documento exigente e impulsivo.
- 50 Milhares de pessoas o saberão com eles.
- 51 Por tudo isto, a exposição que fizeste em Lisboa na SNABA foi necessária porque ela representou – única – na linguagem superior da arte, os laços, o tempo irrepitível de pessoas, de povos, que andaram sobre a gramática da História, de uma história conturbada, mas real porque vivida, sofrendo os dramas, inventando o sonho, fazendo a vida.

Segunda Parte

- 52 E decorreram mais de 30 anos sobre as palavras escritas aquando da tua exposição na SNABA.
- 53 Agora é um estranho tempo de recordações.
- 54 Uns anos depois da exposição, fizeram-te uma homenagem no ISPA; a teu lado, na tribuna, ficou a esposa do arquitecto Pancho Guedes. Os oradores falaram sobre o que o programa anunciara e depois falaste tu, com o teu atropelo de palavras de sempre, sem qualquer atropelo de ideias, evocaste a tua infância e adolescência – afinal quando tudo nasce –, e disseste:
- 55 que o Pancho te contratou para *mainato* depois de te ver pintar no Núcleo de Arte de Lourenço Marques, mas que também te daria todo o tempo do mundo para que pintasses na sua garagem e que também te daria tempo para brincarees com os seus filhos;
- 56 e disseste:

- 57 que vocês faziam tolices como todas as crianças e jovens, e que a esposa do arquitecto Pancho Guedes se zangava como qualquer mãe zelosa quando as crianças se portam mal, e que os filhos dela levavam tarefas sempre que as mereciam, e tu tinhas que ouvir ralhetes que eram só para ti, por actos de que foras cúmplice e autor muitas vezes,
- 58 e que a frequência dos ralhos acompanhava a frequência dos vossos desmandos, até que um dia não ouviste apenas ralhos e levaste também umas palmadas.
- 59 E tu, nesse dia – disseste –, tu sentiste que eras exactamente igual àqueles irmãos e que eras, afinal, já filho daquela família!
- 60 E tu, perante aquela assembleia reunida em cerimónia, tu choraste convulsivamente e a tua voz já não gaguejou mais, porque se calou de emoção comovida.
- 61 Os anos passaram – passam sempre e sem remédio – e eu fui, não há muito (ou há já uma eternidade?) fui ver-te com a minha mulher ao Hospital de Santa Maria e tu estavas aparentemente como de costume, e falámos longamente com silêncios que ficaram incómodos naqueles instantes; recordámos o António Quadros, que tu consideravas o melhor pintor de Moçambique, e que também era Grabato Dias quando se exprimia pelos seus poemas inventivos; e recordámos que ele faltou ao último almoço combinado, recordaste que, de súbito, ele morreu.
- 62 Recordámos o Paulo Come e a sua sabedoria, a sua escultura dúctil de inspiração rara, que, tão jovem, morrerá já também. – Ainda estará em tua casa a escultura do curandeiro que me pediste para ele te vender?
- 63 Recordámos o Chissano e a sua personalidade impulsiva, o seu trabalho agreste, afirmativo, sobre a madeira; recordámos a sua estranha e mal explicada morte e também o seu funeral com uma pele de leopardo sobre o seu corpo nu, por determinação sua, tal como um guerreiro *ronga*.
- 64 Agora desejo que a Percina nos lembre a todos e, se já não puder dançar, nos lembre com os seus cânticos mágicos e os seus braços a avantajarem-se no ar; e espero que o Oblino não deixe de tocar aquela melodia de guitarra e alterne ainda com o som sonoro e rápido dos tambores.

- 65 Porque recordámos então a morte de tantos? – Que estranha e forte presença, a dessas ausências!
- 66 Já não lembrámos nem os teus tempos de prisão nem, depois, os tempos em que foste desterrado para seres "reeducado" em Nampula.
- 67 Não, isso já não lembrámos.

Terceira Parte

- 68 Mas eu quero testemunhar-te que Portugal se lembrou de ti e que te honrou com actos fúnebres, solenes, no Mosteiro dos Jerónimos, lá, onde tem os seus maiores – aqueles que são indiscutíveis na grandeza e que souberam execrar o ódio.
- 69 E deixa-me dizer sem palavras, porque elas seriam sempre imperfeitas, deixa-me dizer-te que muitos dos de então hão-de recordar-te como se estivesse noite e ouvissem as músicas rituais, frementes, que se ouvem em lugar incerto no tempo escuro da lua nova.
- 70 E todos suspeitarão que a Gelita há-de estar desolada e só, e que os vossos filhos, com os olhos dilatados dos teus quadros, hão-de estar a fitar o silêncio

Glossário

- 71 – *Lichigani* – boa noite
- 72 – *Mainato* – criado, empregado doméstico
- 73 – *Lobolo* – cerimónia do casamento
- 74 – *Mamana* – mãe, matriarca
- 75 – *Cacimbo* – estação da seca
- 76 – *Matope* – terra molhada e viscosa, lama
- 77 – *Machimbombo* – autocarro
- 78 – *Ronga* – tribo do sul de Moçambique
- 79 – *Mulungo* – branco, europeu
- 80 – *Chicova* – coruja

- 81 – Cocuana – velho, ancião
82 – Capulana – pano de vestuário

NOTES

1 João Esteves Pinto nasceu no Sabugal, distrito da Guarda, em 12 de Julho de 1940, é licenciado em Direito pela Universidade Clássica de Lisboa, foi, entre outras funções, Administrador da Imprensa Nacional - Casa da Moeda ; nessa qualidade, criou o DRE – *Diário da República Electrónico*, foi co-fundador do "Fórum dos Jornais Oficiais da União Europeia", constituído sob proposta sua (Viena – 2004); foi, igualmente, co-fundador do "Fórum das Imprensas Oficiais de Língua Portuguesa" (Brasília – 2005); publicou o livro de poemas *Ficaram Pregos Pelas Paredes* (Recife – 2004), tem publicados textos – prosa e verso – em revistas culturais portuguesas – *Confluência*, *Foro das Letras* e *Praça Velha* , em revistas brasileiras – *Continente Multicultural*, *Correio das Artes e Fabulação* e na *Reflexos* (http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=1&id_article=Fiction01Antesdanoite-153) n^o1 (http://e-revues.pum.univ-tlse2.fr/sdx2/reflexos/article.xsp?numero=1&id_article=Fiction01Antesdanoite-153).

RÉSUMÉ

Português

O autor faz a evocação de Malangatana Valente Ngwenia – o maior pintor moçambicano do seu tempo e um dos maiores de África – no longo percurso que mediou entre 1965 e 2011, anos que balizaram o início do seu conhecimento recíproco e a morte deste último, ocorrida a 5 de Janeiro de 2011.

Foi um tempo estranho e único, marcado por múltiplos acontecimentos intensos, onde a paz e a guerra estiveram presentes, a par de uma pletórica actividade cultural que teve o seu curso em Moçambique e que consentiu uma surpreendente constância de amizades que só a morte fez findar, mas que o testemunho da memória teima em resgatar.

INDEX

Index thématique

Fiction

Malangatana O homem que recusou odiar ou O longo caminho do olhar

Palavras chaves

Malangatana Valente Ngwenia, Moçambique, pintura, memória, África

AUTEUR

João Esteves Pinto

Escritor joaoesteves.p@gmail.com